

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

O TUMULO DE JESUS

Infinito poder da Redempção—faz do tumulo, ultimo elo da vida a prender-se ao primeiro elo da eternidade, uma aurora refranjada de esperanças, um sol illuminando de jubilos, uma ressurreição opulenta de triumphos!

O tumulo, meandro de podridões, vasto patrimonio das larvas, escurantissimo imperio de morte, cil-o perante o evangelho e a historia transformado, á voz potente de Jesus, na culminação de esperança, plincho de verdadeira grandeza, sanctuario augusto da justiça, vestibulo esplendoroso do ceo!

Porque na verdade aquelle tumulo que ainda hontem era a urna das lagrimas da nossa condolencia e gratidão, é hoje o pregoeiro altofoque de Omnipotencia divina, o motivo dos jubilos e triumphos da ressurreição.

E' que o tumulo de Jesus é—no dizer de Lamertine—simultaneamente um berço e um tumulo: um berço onde alvorecem os direitos do homem, um tumulo onde se sepultam as prepotencias dos despotas; um berço onde se emplumam gerações novas, um tumulo onde se afundem gerações perdidas; um berço onde se ingraindam as corôas de vera fidalguia do merecimento, um tumulo, onde se pulverisam as infundadoras desigualdades de raça; porque, desde que Jesus lá desceu, quem vive e morre com Jesus não morré—vive eternamente—«ego sum resurrectio et vita».

«Foi tumulo tres dias, e altar em todos os seculos».

J. C. triumphante da morte e do peccado, ensinam-nos que d'oravante só serão grandes os tumulos quando, por sobre elles estender as niveas azas a figura puleherrima da virtude; que não é o bronze nem a malachite, que perpetua a memoria do homem, mas o exemplo edificante d'uma vida ajustada e util; que só será verdadeiramente grande tumulo aquelle em que a justiça e a verdade poderem escrever, como epitaphio, a legenda de glorificação—«pertransit benefaciend» passou fazendo o bem.

Barcellos, 12—4—93.

A. C.

O «Mosqueteiro», gastou as ultimas cargas, nas mortes d'uns Juhas traquinas, e desarmado não pode fazer fogo no folhetim.

Ora até que emfim, lá temos um pouco de mel pelos beijos. Ei-l'os que anlavam tristes e sorumbaticos os nossos «pchinises», e é vel-os agora na liantes, os seus passos meçam-lo uns compassos de valsa, os seus labios florin-lo os sorrisos de «bonomie» elegante e aprimorada. Como scintillam chispas amorosas, como se erusam em «fogo de benzada» os seus ditos polainitisaantes.

E' o simulacro para o «torneio de espirito» na arena de amor!

Nota-se, porem, uma coisa devéras singular: nemim usar moniluco, o appenlice indispensavel ao dandy «comme il faut».

Falta de esquecimento. E' curioso.

Oh! isto é portentoso; nós não po lemos nem devemos consentir que se apague na bruma do desconhecido, a luz extranhamente genial, o fanal do lucilhões collossalmente bellas!

Quazi que estamos deslumbrados!

Ora, queiram prestar attentão:

—Que singulares e docissimas impressões, que culbrear estonteador de harmonias arrastando-se languidas e sublimemente angelicas pelas naves da cathedra, que mûrmuros soluços e profundos suspiros que tem a musica do «Requiem» de Mozart; que on-lular intenso de melodias, que maralhar infinitamente suggestivo de accordes celestes que lembra a maviosissima muzica da Palestina!

—Diz bem, meu amigo, eu cá sempre gostei de Paulo de Koch n'estas muzicas de igreja, é mesmo unico!

Unico, é verdade!

Perfil.

Conhecem elle, hein?

E' admiravel com a sua colleção de anedoctas; tem, sempre, a proposito de tudo uma «caravana» de ditos apreciaveis... sob todo «ponto de vista».

No seu palanfrorio sentem-se as balaladas rufenhias e dissonantes d'um hardo de feira, vendendo n'uma voz estarçadamente alcoolica, a lenda de D. Piolho e Dona Pulga, a vintem.

Curva submisso a cerviz ás aras grotescas da poesia porca,—bebe-lhe as exhalações fetidas, doifica-se nas suas producções soberbamente risiveis.

Nós, conhecendo-lhe a bossa (megalomaniaco-verso), recomenhamos aos nossos leitores essa «avis rara» digna de apreço, pela sua jocosidade, e propria de figurar dentro das vestes d'um jozral.

A LAGRIMA



Voçemecês conhecem o Compra?

É um cidadão prestável e principalissimamente um especialista de vinagre.

Tem o defeito, unico, de tomar rapé vinagrinho—que o obriga ao uso do classico lenço, vermelho como tomate ma luro.

Esse costume de pitadear traz-lhe o inconveniente grave de conservar no respiradouro uma escorencia rapezeira que cabe depois em pinços no collete, furando-o. Sim, porque a agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura...

¿Quem é o Compra? Dil-o pouco mais ou menos o seu traje: porque tal fato tal typo.

Veste elle pelo figurino da epocha da Patuleia: uma vestimenta tola nacional e até... patriótica.

Os pés (que nunca provaram protoxido d'hydrogenio) estão envolvidos n'umas meias de lã d'ovelha-mansa e calçados em rançosas chinellas de vaccum.

As pernas (uma desniveleada, imitação da do cara abana) estão cingidas por ceroulas de linho grosso e cercadas até o baixo ventre por umas calças de saragoça da cor de pinhões mansos.

Das coixas pr'a riba, o corpo está enrolado n'uma camisa d'estopão, n'um collete e japona de cor duvidosa.

Cobre toda esta vestidura um gabão de picotilho nacional.

Na cabeça esbanalha-se um chapéu d'abas largas, negro como a graxa.

É preciso abrir aqui um parenthesis: o sr. Compra não supporta as calças muito cilhadas nos quadris, por isso usa-as suspensas por umas algas d'ourello que estão cosidas n'ellas, logo á beira do hymispherio carnudo, seguindo d'ahi pelas costas a darente á volta nos hombros e descerem depois até apertar abaixo do umbigo, em botões de edrno de boi.

Em antes de fazer ponto final: usa tambem

cachené cor de café de cebada, em volta do ganete.

Ha uma coisa caracteristica no sr. Compra: a cacheira de marmelleiro—com tachola d'aza de môca servindo de ponteira.

Mudan lo.

O que torna bonito o Compra são os olhos: teem a cor do chocolate; as barbas da cor de redenho, tambem não o desfeiam.

É preciso dizer que o sr. Compra é esmoler: vê-se passar frequentes vezes em frente da casa dos pobres.

A Assembleia não frequenta porque é renlido e só pode subir escadas de carro ou a cavallo.

O predio de pedra com janellas apostigadas em que reside é magnifico. A claridade lá dentro é pouca e elle gosta d'isso porque se lembra que está dentro d'uma cathedral gothica...

Ha uma nota pinturesca digna de relatar-se a seu respeito, porque define a sua intelligencia. Compra; quando vae ao cofre de pinheiro bravo, assobia tres vezes na chave, e bate com ella na parede, para a desentupir d'algum cisco que possa ter, maximé algumas migalhas de broa.

Quando o fecha, abre-o immediatamente para se certificar se tem a trinqueta bem corrida... repetindo a operaçõ tres vezes.

Ora é preciso dizer que o nosso homem não possui nada porque tem tudo... a juros, simplesmente garantido.

Até aqui veio o Compra em procissão, é preciso recolhe-lo a quartéis.

¿Os leitores sabem que este nosso illustrado e prestimosissimo amigo ia ser lo victima d'um attentado contra a sua honra?

Relatemos o facto:

No dia 1.º d'abril foi um carreteiro buscar á tulha do sobredito, um milho; notou, porém, que um sacco de medida certa tinha de menos uma raza e fez-lh'o ver.

Compra, assim como gsta que lhe roubam os filhos, ferido na sua honra, levantou a sua cacheira contra o atrevido homem, bstaq lo a lingua de fóra e chamando-lhe immediatamente bebado, ladrão e affirmam lo que elle o queria roubar.

O povo juntou-se. Compra faz-se amarello, sua creada azul e os especta lores vermelhos a rirem.

O labroste exige que se meça o milho; traz a maceira para a rua a fim de o medir diante do publico para elle ser juiz recto.

Compra, porém, na duvida... pucha-a para dentro de casa e então a crea la mede-o empinando a raza e passan lo por cima d'ella maliciosamente o rasão. Os assistentes berram, gritam.

—Mede bem!

—Compra paga a raza!

—Ah!... no dia que morreres estaremos livres do diabo porque elle estará a contás contigo!

Mas Compra não faz caso de ditos dos popula-

A LAGRIMA

res. Louco, allucinado, quer desfechar uma bengalada no homem; continua a chamar-lhe bebado, ladrão e affirmando nunca ninguém lhe ter feito uma partilha igual.

Mas n'esta altura verificou-se que faltava a raza... Os espectadores dão vivas ao lavrador, e compra pões tremelicante a mão no hombro do carroeiro dizem lo: «O homem é serio, é honrado.»

E foi-lhe dan lo 600 reis.

Que foi o mesmo que lhe tirassem um dente cachal.

EPIGRAMMA

Com maus defuntos diz a lenda
não se gasta cêra.
Pode haver quem isto entenda?
O Perna e Pêra

Jogava um dia a cabra cega,
todo se atamanca;
mas não atina, mas não pega
o Perna Manca.

Quem tudo sabe bom e mau
d'aquí a Sant' Apollonia?
Quem ha de ser? O marau
do Almanach da Parvonía.

11—4—85.

CAPADOR.

Um reveren lo e abotija lo parcho. d'este concelho, alminha do Senhor, com laivos gorduren los de bacalhoeiro trasanlando gastronomia e imbecillidade, dizia com mo los alocados á freguezia, que, attenta o escutava á missa:

«Senhores e irmãos: E' chegada a Paschoa. Como costumais brincar-me com presentes de pão de ló, pedia-vos que fizesseis essa despeza em arroz e basalhao que eu melhor aceitaria.»

O ratio só lhe faltava pelir «legumes» para ficar com a batelada completa.

Que patusco!..

O nosso amigo e collega de redacção Soucaux, fez o seu debute cantante. Applaudimos sinceramente o artista amator, descobrindo na sonoridade e nos «clats» de voiz», o privilegio muzico d'uma maestria inxcedível, o raro merecimento das quontes vibrações pulsadas em notas dolentes da muzica de Chopin!..

Foi um debute que quasi parecia de... bota!
Que muzico!



Em Fão por occasião da procissão de "Passos houve guardas d'honra a menos de real.

Ao pallio, aos andores e á porta do templo viam-se homens fangueiros com os calcanhores unidos, a ponta dos pés voltadas para fóra, o ventre recolhido, o peito avançado, a cabeça direita, a vista fixa sobre a frente,—suspendendo na dextra, esguiches bacamartes, etc, etc.

Quando recolheu o cortejo religioso á igreja o paizano commandante da guarda que ali estava postada bradou: «Braço armus!».

Os diachos dos homens não parecem mesmo trompa?..

E o Motta sapatoiro a achar bonito aquillo!.. dizendo que foi até uma ideia «fulminante» a dos fangueiros...

E dizem que não:

Que os tempos apaixonados dos trovadores medievaes, que os raptos na calada da noite á luz desmiada da luz, beijando a furto as traças esparsas da Julieta sem sentidos, que já lá vão!—Mentem!

D'uma freguezia, proxima a este concelho, deram parte á administração que,—tinha fugido, ou sido raptada, uma gentilissima donzella, dotada de rara formosura, mas que tinha um insignificante signal que, a caracterisava, que era—ser coxa!

Elle, então, um garboso mancebo, cheio de predicados excellentes, bellos dotes oratorios e gesto largo e com a minuscula particularidade de ter uma coreunda monstruosamente «nor ne!

E amavam-se muito... tanto que fugiram.

E digam que não!

Em 5.ª feira, Santa não tocam os sinos. E' da praxe e do Ritual. Nao se quorem, n'este dia grande, de luto e de dor, badalos.

A LAGRIMA

Pois não o intendeu assim um parochó d'uma freguezia visinha de Barcelinhos e visinha tambem da ponte de ferro, que em questões de badalos, é un badalo de cullora m'ra a r'ol.

Ouvin-se aqui, n'esta villa, o badalar do sino grande, tocando a trindades.

Segundo informações, quem pega no badalo é o proprio padre, magro, coradinho, bonita figura de cera.

E tambem se diz que só pega no badalo quando está de bem com a «porca».

Porca, n'este sentido, é aquella especie de cruz de madeira, que segura os sinos.

Quem sabe se a «porca» está docente, recordações de Vianna, e o padre tocava o badalo para pedir orações por ella...

Orações por «porcas», são «rosas» desfolhadas em monturo...

ALVEJANDO

Desfaz-se, chora de perro,
Quer-se dos outros vingar,
A sua lingua é de ferro
E d'aço; quer-nos cortar.

Ninguem p'ra elle ha honrado,
Honradez só elle a tem:
Quando falla é desbragado,
Se critica é com desdein.

Mais do que elle ninguem ha:
Parece um valeta d'oiros,
Um general, um pachá
Senhor de grandes thesoiros.

Faz versos «coxos», picantes:
Quando bobo, faz-nos rir:
Alcunha de meliantes
A quem o não quer ouvir.

De todos elle diz mal,
E' medonho, faz tremer,
A sua lingua é um punhal
Que fere sem se saber.

Uma albarda, um albardão,
Ferraduras e um chicote:
Com a maior gratidão
Eu envio ao D. Quichote.

D. PECEGADA

Um gordo reitor, abdominal e pansudo, tem voz de baixo, pesada como o seu bestunto.

Convidaram-n'o, ha annos, para ir cantar a Braga na solemnidade das Dores, offerecendo-lhe «quatro libras».

Resposta do gordo fradalhão:

—Não posso aceitar o convite que me fazem, porque a solemnidade das Dores, ali, é mais profana do que sagrada. Cos annam cantar n'essa festa actrizes de theatros lyricos; e o meu character de padre não pode de forma nenhuma ligar-se n'uma festa que é mais profana do que religiosa.

Só se me derem «dez libras».

De forma que, dando-lhe dez libras, já a festa era toda religiosa e sagrada...

Isto é authenticico.

Ha padros que são bestas, e só adoram o bezerro d'ouro...

Um menino muito conhecido na nossa sociedade fumista, faz a sua viagem ao Porto.

Succede, porém, que por uma malograda circumstancia da sorte, uma rajala de vento precipita-lhe o chapéu á linha. Ali vai o pobre desgraçado, caminho em fóra até ao Porto, sem chapéu.

Dirige seus passos ao popular estabelecimento Armazens Herminios onde tencionava fazer aquisição de novo chapéu. Nisto entra um cavalheiro qualquer que lhe pergunta maliciosamente a que secção pertence, ao que o pobre diabo responde atrapalhado: «Pertence á secção dos jornalistas!»

Quando esse cavalheiro viu retirar o nosso joven diz-lhe: «Oh! diabo, você enganou-se com a casa, a Cosinha Economica não é aqui...»

E Miguel Lemos, já com o chapéu novo na cabeça, riu-se... riu-se.

Já lá vai a quaresma como uma nuvem luctuosa que turbasse de tristeza a risonha quadra primaveral.

Alleluia! Alleluia!

Já lá vai a semana Santa, escondendo no passado mais uma saudade do Christo Redemptor, levando para o grande livro da posteridade mais uma pagina cheia de unção e respeito ao grande martyr!

Alleluia! Alleluia...

Agora, flores, muitas flores. Beijos da alvorada Paschoal, ritos santos das almas em alegrias, côros d'infinitas bençãos ao ceo.

A expansibilidade é o pranto dos corações sensíveis, o bem estar dos espiritos amenos, e rocio dulcissimo nas agruras da vida.

Sob esta impressão, enviamos aos nossos preados leitores, assignantes e collaboradores as sincerissimas boas-festas.

Alleluia... Alleluia!

Luzida e pomposa no seu effeito singular a procriação do Ecce Homo.

Não pôde tomar a direcção do prestito o nosso particular amigo Daniel Gonçalves da Costa.

O que foi muito sentido.